

AS VIDAS SECRETAS DOS CZARES

TRÊS SÉCULOS DE TERROR,
DEVASSIDÃO, HOMICÍDIO E LOUCURA
NA RÚSSIA DOS ROMANOV

MICHAEL FARQUHAR

TRADUÇÃO DE ISABEL VERÍSSIMO



Texto

ÍNDICE

Capítulo Introdutório	
O Tempo de Dificuldades e a Ascensão dos Romanov	19
Capítulo 1	
Ivan V e Pedro I (1682-1696):	
Um Autocrata a Mais	31
Capítulo 2	
Pedro I (1696-1725):	
As Excentricidades de um Imperador	47
Capítulo 3	
Catarina I (1725-1727):	
A Imperatriz Camponesa	63
Capítulo 4	
Ana (1730-1740):	
«Uma Entediada Proprietária de Terras»	75
Capítulo 5	
Isabel (1741-1762):	
A Imperatriz da Ostentação	83
Capítulo 6	
Pedro III (1762):	
«A Natureza Fez Dele um Simples Poltrão»	95
Capítulo 7	
Catarina II (1762-1796):	
«Vítima Desta Paixão Louca!»	125

Capítulo 8	
Paulo (1796-1801):	
«Ele Detesta a Sua Nação»	149
Capítulo 9	
Alexandre I (1801-1825):	
O Conquistador de Napoleão	165
Capítulo 10	
Nicolau I (1825-1855):	
«Um Condescendente Júpiter»	185
Capítulo 11	
Alexandre II (1855-1881):	
«Uma Semirruína Coroada»	205
Capítulo 12	
Alexandre III (1881-1894):	
«Um Colosso de Inquebrantável Autocracia»	223
Capítulo 13	
Nicolau II (1894-1917):	
«Uma Perfeita Criança»	239
Capítulo 14	
Nicolau II (1894-1917):	
A Escorregar Num Precipício	261
Capítulo 15	
Nicolau II (1894-1917):	
Um Fim Sangrento	301
Capítulo de Conclusão	
Rescaldo	339
Agradecimentos	343
Bibliografia Seleccionada	345

AS VIDAS SECRETAS
DOS CZARES

CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

O TEMPO DE DIFICULDADES E A ASCENSÃO DOS ROMANOV

Os animais vivos foram arremessados pelo ar, lançados de uma torre do Kremlin pelo pequeno que treinava para ser tirano e que um dia governaria como Ivan, *o Terrível*. Na altura não houve consequências para o demente comportamento do rapaz, nem haveria mais tarde quando, como primeiro czar coroado da Rússia, chacinou quase toda a cidade de Novgorod – chamando a atenção para o massacre ao colocar algumas das suas vítimas sob o gelo do rio Volkhov. Ivan mal pestanejou quando esventrou pessoalmente um nobre, depois de troçar das suas pretensões reais vestindo-o como um rei e sentando-o num trono, ou quando ordenou que centenas dos seus supostos inimigos fossem esfolados, queimados ou que lhes partissem todos os ossos numa orgia de vingança na Praça Vermelha. No entanto, embora este selvagem monarca assassinasse com impunidade (o que, sem surpresa, o tornou o czar preferido de José Estaline, o monstro do século xx), houve um ato de raiva homicida que até Ivan IV lamentaria profundamente; um acesso de ressentimento que mudaria o curso da história russa.

Quando, em 1581, o filho mais velho do czar teve a temeridade de se opor ao facto de o pai pontapear a sua mulher grávida na barriga, Ivan ficou tão encolerizado que bateu na cabeça do jovem com o seu cetro de ferro. No entanto, a raiva transformou-se em pesar quando o soberano semienlouquecido embalou o herdeiro moribundo nos braços.

– Que eu seja amaldiçoado! Matei o meu filho! Matei o meu filho! – exclamou ele.

Na verdade, foi o que aconteceu. E, com aquela pancada na cabeça, Ivan destruiu efetivamente o futuro da ancestral dinastia

de soberanos Rurik que tinham transformado a Rússia numa nação.

Menos de três anos depois de matar o filho, Ivan, *o Terrível*, também morreu – derrubado por um AVC enquanto jogava xadrez. E, embora a Rússia começasse a recuperar das suas ruínas políticas, o alívio foi apenas temporário. De facto, o reinado de terror de Ivan IV acabou por ser um mero prelúdio de uma era muito mais devastadora, de fome, conflitos civis e derramamento de sangue, conhecida como o Tempo de Dificuldades. Durante este período violentamente instável, uma sucessão de intriguistas, oportunistas e até um impostor ocuparam o trono russo antes de o jovem Miguel Romanov ser eleito czar em 1613 e dar início a uma lendária dinastia real que perduraria durante os três séculos seguintes.

A transferência de poder após a morte de Ivan IV em 1584 foi bastante pacífica; como veio a comprovar-se, seria uma bonança ilusória. Ao sanguinário czar sucedeu o seu simples e pouco inspirador segundo filho, Fiódor I. «Inteligência, ele tem pouca ou [...] nenhuma», escreveu um enviado polaco sobre o malformado monarca, que era orientado por um grupo de regentes. Entre eles, contava-se o seu cunhado, Boris Godunov, um astuto político e competente administrador que se destacou como o único poder atrás do trono do lento czar.

No início do reinado de Fiódor, Godunov esmagou uma revolta da família de uma das últimas mulheres de Ivan, *o Terrível*^{*}, Maria Nagaia, contrariando a sua tentativa de colocar no trono Dmitri, o filho mais novo do falecido czar. O *czarevitch* (o filho do czar) e a sua mãe, Maria, foram exilados para o pequeno principado de Uglich, onde o menino de oito anos morreria em 1591 em circunstâncias misteriosas, com a garganta cortada. Embora Maria e a sua família culpassem ruidosamente o seu

^{*} Ivan, *o Terrível*, teve entre cinco e oito mulheres, mas, devido à frequência com que se casava, a igreja não reconheceu a legitimidade de algumas das últimas esposas.

inimigo Boris Godunov pela morte de Dmitri, incitando até um sangrento motim, uma comissão de investigadores determinou que a criança estava a brincar com uma faca e ferira-se mortalmente com ela durante uma apoplexia. Godunov foi oficialmente exonerado, mas Dmitri manter-se-ia perigosamente próximo no seu futuro.

Em 1598, o debilitado czar Fiódor morreu sem herdeiro, pondo fim, com um suspiro, àquela que fora a poderosa dinastia Rurik. Boris Godunov, o verdadeiro governador da Rússia enquanto Fiódor se limitava a reinar, foi escolhido para ocupar o seu lugar. Depois de fingir grande relutância, foi coroado no meio da aclamação geral e parecia decidido a levar a Rússia à grandeza. Mesmo com uma grave crise económica, impostos altíssimos e uma política emergente que prendia a maioria da população à terra contra a sua vontade, o czar Boris manteve-se em segurança no trono. Mas depois o tempo piorou de forma terrível.

Perturbações climáticas provocadas pela Pequena Idade do Gelo causaram fomes horríveis durante o reinado de sete anos de Boris Godunov.

«Juro por Deus que é a verdade», afirmou uma testemunha do desastre. «Eu vi, com os meus próprios olhos, pessoas caídas nas ruas, a comer erva no verão e palha no inverno como gado. Algumas já estavam mortas, com palha e estrume na boca, e também (perdoem a minha indelicadeza) tinham engolido excrementos humanos [...]. Muitos cadáveres de pessoas que tinham morrido de fome eram encontrados diariamente nas ruas [...]. Todos os dias [...] centenas de cadáveres eram recolhidos por ordem do czar e levados em tantas carroças que era uma visão macabra e horrível (e quase inacreditável).»

No meio desta dura miséria e privação, quando quase um terço da população da Rússia pereceu, em 1604 apareceu um pretendente que afirmava ser Dmitri, o filho mais novo de Ivan, o *Terrível*, milagrosamente salvo da tentativa de assassinato contra si perpetrada por Boris Godunov. Outro rapaz fora

morto, declarou o falso Dmitri, e agora ele vinha reclamar o lugar que lhe pertencia por direito no trono e salvar o povo russo das trevas e do caos causados pelos pecados do usurpador Godunov.

A verdadeira identidade do impostor continua envolta em mistério. Alguns disseram que ele era um monge chamado Grigori Otrepiev, expulso da sua ordem e que, apoiado pelo rei católico da Polónia, viera para a Rússia para destruir a ortodoxia. Outros alvitram que ele podia ter sido criado desde a infância para acreditar que era Dmitri. Fosse quem fosse na realidade, o pretendente ao trono depressa conquistou um grupo de seguidores entre uma população descontente, desesperada por uma vida melhor e ansiosa para acreditar que ele era o escolhido por Deus.

Em abril de 1605, enquanto a rebelião que se formara à volta do falso Dmitri assumia um carácter mais violento, o czar Boris Godunov morreu convenientemente, com toda a probabilidade de doença cardíaca. Dois meses mais tarde, o pretendente entrou triunfalmente em Moscovo, com o caminho aberto pelo estrangulamento do filho e sucessor de Godunov, Fiódor II. «Dmitri» deu um espetáculo vibrante quando visitou o túmulo de Ivan, *o Terrível*.

– Oh, amado pai! – chorou ele. – Deixastes-me órfão neste mundo, mas as vossas santas orações ajudaram-me a suportar toda a perseguição e levaram-me ao trono.

No dia seguinte, foi coroado na Catedral da Assunção, no Kremlin. Um impostor ocupava agora o trono da Rússia, mas governaria durante menos de um ano.

Logo que o Falso Dmitri foi entronizado, um ávido boiardo (nobre) chamado Vasili Shuisky começou a conspirar contra ele. Durante as celebrações que marcaram o casamento de Dmitri com a católica Marina Mniszech, o pseudo czar teve um fim horrível. Foi morto a golpes de machado pelos seus assassinos. Depois, com cordas amarradas à volta dos pés e dos órgãos sexuais, o seu cadáver nu foi arrastado para a Praça Vermelha, onde ficou exposto à troça e ao ridículo durante três dias. Por

fim, o corpo foi incinerado; as cinzas foram misturadas com pólvora e disparadas de um canhão para a fronteira sudoeste, de onde o impostor tinha aparecido.

Depois de se livrar desta forma do Falso Dmitri, o desavergonhado Vasili Shuisky ficou com a coroa para si. No entanto, o seu direito era frágil e, com o descontentamento que ainda grassava na Rússia, ele ocupou um trono muito precário. Para consolidar o seu regime, Vasili IV procurou desacreditar o seu antecessor, inventando histórias incríveis dos atos maléficis do Falso Dmitri (muitas das quais perduraram ao longo dos séculos). Foi ao ponto de apresentar o cadáver recente de um rapaz e declarar que era o verdadeiro Dmitri, cujo corpo não se decompunha devido à sua santidade e ao facto de ser fonte de muitos milagres. O corpo foi transferido de Uglich para Moscovo com todas as cerimónias, e colocado na Catedral do Arcanjo, no Kremlin, onde ficou como uma reverenciada relíquia – até «São Dmitri» começar a cheirar mal e ter de ser rapidamente enterrado.

O cínico fabrico do falso santo pouco fez para acalmar as massas ou para desencorajar o aparecimento de um segundo Falso Dmitri em 1607. Como aconteceu com o primeiro impostor, a identidade do segundo continua desconhecida. Porém, na época, o tumulto era de tal ordem que ele conseguiu uma quantidade apreciável de seguidores – e a sua situação melhorou ainda mais quando Marina Mniszech, viúva do primeiro Falso Dmitri, «reconheceu» o novo pretendente como o seu marido milagrosamente salvo e voltou a casar-se com ele. (Um comandante dos cossacos polacos escreveu nas suas memórias que as duas únicas coisas que os Falsos Dmitris I e II tinham em comum era «serem ambos humanos e usurpadores».)

Ameaçado pelo segundo Falso Dmitri quando este marchou para Moscovo, o czar Vasili cedeu território russo à vizinha Suécia em troca de uma força mercenária. Por sua vez, esta situação levou a Polónia a ocupar a cidade fronteiriça de Smolensk. «Os vizinhos da Rússia começavam a mover-se como chacais à volta de um animal moribundo para desmembrar o Império»,

escreveu o historiador Philip Longworth. «E, no entanto, a caótica guerra civil continuou.»

Em julho de 1610, o czar Vasili foi afastado do trono, de forma violenta, por uma turba e rapado publicamente com uma tonsura de monge na Praça Vermelha. Depois, no mês de dezembro seguinte, o segundo Falso Dmitri foi assassinado por um dos seus próprios homens. Agora, a Rússia não tinha czar – nem sequer um falso czar (embora *mais um* Falso Dmitri conquistasse seguidores durante um curto período, antes de ser morto) –, e a queda para o caos precipitou-se rapidamente.

Anarquia, doença e fome invadiram a terra; aldeias e campos foram destruídos por salteadores. E, quando as tropas polacas vieram ocupar o Kremlin, a verdadeira cidadela de poder e autoridade, pareceu que a Rússia atingira o seu ponto mais baixo. Assim, em 1613, as pessoas clamavam por uma forte autoridade central que restaurasse a ordem e levasse a arruinada Rússia à grandeza. O povo queria um autocrata.

Para eleger um novo czar, foi convocada uma grande assembleia da terra, ou *zemsky sobor*, com representantes de todos os estratos da sociedade (exceto os escravos). Nunca mais ambiciosos boiardos ou dúplices pretendentes poderiam ocupar o trono sagrado; doravante, o trono só seria ocupado por um candidato que representasse a legitimidade, a continuidade e a verdadeira ortodoxia. Com estes requisitos essenciais, um nome acabou por surgir com um consenso quase total: um adolescente chamado Miguel Romanov.

O frágil e discreto adolescente de 16 anos foi uma escolha improvável para liderar um reino devastado para uma nova era de paz e prosperidade – mas ele tinha certamente a linhagem certa. A sua tia-avó era a amada primeira mulher de Ivan, *o Terrível*, Anastásia, que, com a sua bondosa piedade, fora o oposto do seu marido homicida. E Nikita, o irmão de Anastásia e avô de Miguel, fora um dos conselheiros mais próximos de Ivan e conquistara um respeito e uma adoração quase universais com

a sua recusa em participar nos ataques mais cruéis do cunhado aos seus próprios súbditos.

Fiódor (que adotou o apelido Romanov), o pai de Miguel, perdeu uma luta pelo poder com Boris Godunov após a morte do seu imbecil primo direito Fiódor I em 1598, e em resultado dessa derrota foi exilado para a vastidão gelada da Sibéria. Embora ele e a sua mulher Xenia conseguissem sobreviver às brutais condições daquele local, ambos foram forçados a tomar votos religiosos e a viver separados – ele como um reticente monge que recebeu o novo nome de Filareto, ela como a freira Marta. A sorte de Fiódor/Filareto mudou em 1605 quando o Falso Dmitri o tornou metropolitano (ou bispo) de Rostov, mas, pouco depois, foi feito prisioneiro pelo rei da Polónia enquanto visitava o reino integrado numa delegação russa. Ficaria a apodrecer numa cela polaca enquanto o seu filho Miguel se tornava o novo monarca da Rússia.

O jovem não aceitou a coroa com muito entusiasmo, pois vivera todo o tumulto das «dificuldades» desde os cinco anos. Foi nessa altura que os seus pais foram exilados para a Sibéria e ele foi obrigado a viver com uma tia no seio de uma grande pobreza. Mais tarde, quando o pai esteve preso na Polónia, Miguel e a mãe tiveram de viver como nómadas, deambulando por mosteiros e igrejas e a viver das esmolas que lhes davam. Assim, quando os representantes do *zemsky sobor* chegaram ao Mosteiro Ipatiev, em Kostroma, para implorar que Miguel os governasse, o tímido adolescente começou por recusar. Insistiu que o trono estava demasiado instável. Na verdade, era o mesmo que perguntar a uma criança de dois anos se queria domesticar um urso ferido. Miguel só cedeu quando a delegação lhe garantiu que todo o povo o queria como seu soberano e que ele estaria em segurança no trono. Estava prestes a herdar uma confusão aparentemente insuperável.

O jovem czar viu a vasta destruição que o rodeava quando viajou de Kostroma para Moscovo para aceitar a coroa e as suas sombrias perspectivas pareceram ainda mais aparentes na

coroação, quando os sofisticados mantos cerimoniais quase engoliram o seu corpo franzino. No entanto, Miguel teve o apoio quase universal de um povo cansado de conflitos e desesperado para que ele fosse bem-sucedido. E com a ajuda do *zemsky sobor*, que se reuniu com regularidade durante a primeira parte do seu reinado, o czar conseguiu alcançar a paz com dois dos seus vizinhos mais ameaçadores, a Suécia e a Polónia. O preço foi exorbitante em termos de concessões de terra e indemnizações, mas pelo menos permitiu que a Rússia se concentrasse na sua lenta recuperação.

Embora o início do reinado de Miguel tenha sido acompanhado por um invulgar espírito de colaboração no interesse de um bem maior, havia ainda elementos de intriga e traição na corte que se mantiveram depois do Tempo de Dificuldades. Isto tornou-se especialmente evidente quando o primeiro czar Romanov se preparava para casar. A noiva escolhida, Maria Khlopova, pertencia a uma medíocre família aristocrática, o que deixou outros elementos da classe dos boiardos cheios de ressentimento pela abundância e privilégio que o obscuro clã de Maria alcançaria em resultado da sua exultada condição. Por isso, ela foi envenenada. O forte emético que alguém colocou na sua comida certa noite provocou-lhe violentas convulsões, que foram comunicadas ao czar como sintomas de uma doença incurável, deliberadamente escondida por Maria e pela família desta para ascenderem ao poder. Em resultado do «engano», os Khlopova foram banidos para a Sibéria.

Seis anos depois do início do reinado de Miguel, o seu pai foi libertado da prisão polaca e devolvido ao seu país para se tornar patriarca de Moscovo e de toda a Rússia. Foi um reencontro feliz, e o czar não se importou de ceder o poder que Fiódor/Filareto desejara durante tanto tempo. Agora, o filho estava livre para viver como soberano-sombra e só era visto raramente, nas cerimónias formais da corte que exigiam a sua presença. Comparado com algumas das personalidades fortes da dinastia Romanov posterior, como Pedro, *o Grande*, e Catarina, *a Grande*, ele foi

o mais brando que um czar poderia ser. O seu único verdadeiro objetivo era ser pai de um herdeiro.

Com esse objetivo em mente, Miguel acabou por casar – duas vezes. A primeira mulher morreu durante o parto de um filho nado-morto menos de um ano depois do casamento. A segunda mulher foi escolhida de uma forma estranhamente tradicional. Todas as donzelas elegíveis do reino – das famílias certas, claro está, e com a virgindade sujeita a verificação – foram reunidas em Moscovo para serem inspecionadas pelo czar. Deste grande número de donzelas, Miguel escolheu Eudóxia Streshneva, a filha de um fidalgo rural, e, em 1629, ela deu ao czar um herdeiro para continuar a nova dinastia.

Entretanto, Fiódor/Filareto continuou a governar a Rússia até à sua morte, em 1633, tendo o reinado de Miguel, o mais brando de todos os czares, continuado depois, durante mais doze anos, sem acontecimentos relevantes. Miguel morreu em 1645 – um soberano apagado, certamente, mas o fundador de uma linhagem real que foi tudo menos discreta.

Como acontecera com o seu pai, Alexis Romanov ascendeu ao trono aos 16 anos. No entanto, ao contrário de Miguel, o segundo monarca da dinastia era a personificação do poder e da majestade. Mais tarde, um membro de uma delegação inglesa descreveu a glória de Alexis sentado no trono:

Como um sol brilhante, o czar lançava os mais sumptuosos raios ao ser colocado de uma forma magnificente no seu trono, com o cetro na mão e a coroa na cabeça. O seu trono era de prata dourada maciça, gravado no cimo com várias obras e pirâmides; e, estando sete ou oito degraus acima do chão, a pessoa do príncipe tornava-se transcendentalmente majestosa. A sua coroa (que ele usava sobre um gorro forrado com zibelinas pretas) estava em grande parte coberta com pedras preciosas, terminando no cimo em forma de uma pirâmide com uma cruz de ouro na cúspide. O cetro também brilhava profusamente

com joias, o colete estava forrado com joias de cima a baixo e o colarinho era formado por muitas pedras preciosas.

Alexis ficou conhecido no seu tempo como o mais plácido e o mais devoto dos czares, o que era, pelo menos em parte, verdadeiro. Ele era certamente religioso e assistia a inúmeras missas e orações ao longo do dia. Como descreveu o médico inglês do czar, «nos dias de jejum, ele assiste a orações à meia-noite, ficando quatro, cinco ou seis horas em grupo, prostrando-se no chão, o que pode acontecer mil vezes e, nas grandes festividades, mil e quinhentas». Porém, quando tinha de reprimir rebeliões no seu reino, o devoto Alexis assemelhava-se a Ivan, *o Terrível*.

Prova disso foi a implacável vingança do plácido czar contra Stenka Razin, o homem que, em 1670, liderou uma revolta de camponeses falhada. A pele do rebelde foi dilacerada por um chicote russo conhecido como cnute e ele foi depois marcado com ferros quentes e sujeito à tortura da água chinesa. Mais tarde, os membros de Razin foram arrancados das articulações e encaixados de novo no seu lugar. Por fim, ele foi esquartejado enquanto ainda estava vivo; o seu tronco e entranhas foram atirados aos cães. (Mais tarde, Pedro, *o Grande*, o herdeiro do czar, adotaria essas técnicas cruéis e usaria o cnute no próprio filho com um efeito letal.)

O czar Alexis casou duas vezes. A sua primeira mulher, Maria Miloslavskaya, foi escolhida entre um grande número de donzelas elegíveis, tal como acontecera com a própria mãe do czar. (A primeira escolha do czar, como acontecera com a do seu pai, foi igualmente sabotada por nobres ciumentos.) A czarina foi uma boa esposa, pelos padrões da época, e dedicou a sua vida à oração e a ter filhos – treze ao todo, incluindo dois futuros czares. Como todas as mulheres da família real, vivia isolada num quarto do palácio conhecido como *terem* e manteve-se completamente conservadora nas roupas e no aspeto até morrer, em 1669, quando dava à luz o décimo quarto filho.

Alexis ficou desconsolado, mas não durante muito tempo, pois em menos de um ano encontrou uma nova noiva roliça quase um quarto de século mais nova que ele. Chamava-se Natália Naryshkina, uma jovem cujo tutor era Artamon Matveev, um amigo do czar e o seu principal conselheiro. Tendo sido criada na casa invulgarmente ocidentalizada de Matveev, com a esposa escocesa do tutor como exemplo, a jovem Natália de olhos escuros era rara entre as mulheres da época na medida em que não se escondia dos convidados do sexo masculino e até se atrevia a conversar com eles. O czar ficou encantado quando visitou a casa da família e pediu a sua mão em casamento.

Para tentar evitar as violentas maquinações que tinham acompanhado outros casamentos reais, Alexis decidiu sujeitar-se a outra apresentação de noivas adequadas, com a pré-escolhida Natália entre elas. Esperava que aquela farsa desencorajasse a ideia de que Matveev, ou a família de Natália, concluiavam para chegar ao poder. Não resultou. Os familiares da falecida czarina Maria Miloslavskaya perderiam a maioria dos seus privilégios e prestígio quando o czar voltasse a casar, e o ressentimento que sentiam por Natália e pelos Naryshkin acabaria por se transformar em ódio assassino.

Porém, entretanto, a nova czarina, uma mulher cheia de vivacidade, trouxe um refrescante elemento de modernidade à corte. Algumas pessoas ficaram escandalizadas com o seu arrojo, como um chocado observador, que referiu que ela «abriu ligeiramente a janela da sua carruagem». Antes, as mulheres da realeza viajavam virtualmente escondidas de todos atrás de véus e pesadas cortinas escuras. Natália também encorajou a curiosidade natural do seu marido de meia-idade e incentivou a introdução de algumas novidades ocidentais, como o teatro. Talvez sob a influência da sua conservadora primeira mulher, no passado, Alexis banira esse género de divertimentos – indo ao ponto de queimar na Praça Vermelha uma pilha de instrumentos musicais importados do Ocidente. Converteu-se a eles, embora o resultado fosse música algo desafinada. O médico inglês do czar

descreveu a cacofonia como «um bando de mochos a piar, um ninho de gralhas, uma matilha de lobos esfomeados, sete porcos num dia ventoso e igual número de gatos com os seus inimigos».

Porém, apesar da lenta aproximação ao Ocidente, a Rússia, no essencial, manteve-se num estagnado atoleiro medieval, isolada e resistente a qualquer mudança da tradição. Isso foi talvez mais flagrante quando o czar Alexis, através do patriarca ortodoxo, procurou implementar pequenas mudanças no ritual da Igreja de forma a criar uma maior harmonia com a sua mais antiga correlativa grega. Foi decretado, por exemplo, que três dedos, e não os tradicionais dois, deveriam passar a ser usados pelos fiéis para se benzerem. Porém, numa época em que as pessoas acreditavam piamente que a salvação dependia em absoluto do cumprimento preciso do ritual, muitas preferiram imolar-se pelo fogo para não serem obrigadas a trocar de dedos*.

Esta foi a Rússia que Alexis deixou quando faleceu em 1676, e caberia ao filho que Natália lhe dera arrancar o reino do seu estupor. No entanto, o futuro Pedro, *o Grande*, teria de lutar com Sofia, a sua irmã mais velha, antes de poder fazer alguma coisa.

* Estes mártires fanáticos, conhecidos como «Velhos Crentes», seriam uma fonte de preocupações para muitos futuros soberanos russos devido à sua feroz resistência à mudança.